


# Arquivo e memória de espaços independentes de arte contemporânea: o Ateliê397

Bianca de Andrade Mantovani<sup>1</sup>

 0009-0005-8567-5238

*Como citar:*

In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 18, 2024. **Atas do XVIII Encontro de História da Arte.** Campinas: IFCH/UNICAMP, n. 18, 2024.

DOI: 10.20396/eha.18.2024.11809

## Resumo

Este texto apresenta propostas sobre o arquivo e a memória do Ateliê397 desenvolvidas durante pesquisa de mestrado. Refletir sobre o que constitui o arquivo de um espaço independente e como sistematizar seus documentos são as principais inquietações. Entende-se, aqui, o arquivo como uma encruzilhada, em diálogo com teorias decoloniais, e na perspectiva de juntar, entrelaçar, cruzar é possível trabalhar diferentes histórias sobre o Ateliê397. Narrar sobre o arquivo desse espaço é pensar, concomitantemente, sobre a salvaguarda de uma memória própria, mas também sobre a arte contemporânea gestada desde sua fundação.

**Palavras-chave:** Espaços Independentes. Arquivo. Repositório Digital. Arte Contemporânea. Memória.

---

<sup>1</sup> Mestra em Museologia pelo Programa Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo. É gestora cultural, curadora e pesquisadora. Membro do ROPA - Rede de Ocupações e Parcerias Acadêmicas.

## Espaços independentes de arte contemporânea: o Ateliê397

Nomear-se é um ato político. Espaços independentes, autônomos, autogeridos, experimentais são os diversos nomes que propostas artísticas com mais liberdade recebem. À medida em que cada iniciativa elege o adjetivo que vai lhe acompanhar, ela está se posicionando perante o sistema das artes e suas instituições parceiras.

O termo “independente” também é empregado no cinema, na música e no teatro – citando aqui outras formas de expressão artística – para indicar a rejeição ou questionamento às regras impostas pelo mercado ou por grandes estúdios, companhias e instituições. O objetivo é atuar com maior liberdade em suas escolhas e práticas. Esses espaços culturais que se identificam como independentes, valorizam a autonomia tanto financeira quanto de atividades públicas, buscando questionar e tensionar o sistema, desafiar conceitos estabelecidos e explorar novas possibilidades. Dessa forma, procuram criar seus próprios meios de produção e difusão cultural, com a intenção de revitalizar e renovar o cenário artístico.

O Ateliê397, objeto desta pesquisa, se autodenomina independente, ou seja, esse espaço cultural já traz suas premissas de independência no nome, entendendo que tal característica está ligada tanto ao pensamento artístico e criativo que o rege quanto à noção de autogestão.

A curadora e pesquisadora Kamilla Nunes, em sua publicação *Espaços autônomos*, empreendeu uma pesquisa acerca do que os próprios espaços culturais brasileiros consideravam como “ser independente”. Com respostas variadas e divertidas, entende-se que esses locais atuam pelo viés da criatividade, da não dependência de órgãos públicos, de ser um espaço que pode ousar, de “não ter rabo preso”, de ter autonomia de vínculos, entre outras características intrínsecas a essa palavra. O próprio Ateliê397 participou da pesquisa e mobilizou, para sua resposta, um dos personagens sonhadores mais relevantes da história da literatura, o Dom Quixote:

Ah, aí é como disse D. Pedro II “independência ou morte”. A independência também é um outro nome usado quando algo não é aceito ou absorvido. Torna-se independente. [...] Tem algo quixotesco em se afirmar independente e a gente é meio assim aqui. Se pensar muito, se fizer a conta, colocar na ponta do lápis, desistimos.<sup>2</sup>

“Quixotesco” tem um sentido de sonhador, romântico, um pouco descolado da realidade para poder criar, mover-se, existir. E assim é com o Ateliê397.

---

<sup>2</sup> NUNES, Kamilla. *Espaços autônomos de arte contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora Circuito, 2013. p. 51.

Fundado em 2003 como um misto de ateliê de artista e espaço expositivo no bairro da Vila Madalena, o Ateliê397 é um dos espaços independentes de arte contemporânea mais longevos da cidade de São Paulo. Ele já teve vários endereços e diferentes configurações de gestão, com diversos agentes envolvidos, mas suas marcas de experimentalismo, autogestão, formação, questionamento, criticidade, intervenção no sistema das artes sempre se mantiveram. Ter longevidade e manter uma agenda comum é um êxito para espaços dessa natureza, os quais estão sempre lidando com a escassez: de recursos, de profissionais, de tempo -- mas nunca de engajamento e pessoas interessadas em construir junto.

Atualmente localizado no bairro da Consolação -- após ter passado pela Vila Anglo e pela Barra Funda -- em uma travessa que reúne outras iniciativas artísticas, o 397 se define da seguinte maneira:

Em seus 20 anos de existência, se consolidou como um dos espaços independentes mais importantes na cena artística paulistana. Sua atuação divide-se em três eixos principais: a **formação**, a **experimentação** e a construção de modelos de **autogestão**. Nosso curso de acompanhamento de projetos tem hoje quase 40 alunos, que de forma permanente discutem suas práticas com outros artistas e curadores mais experientes. As exposições e demais atividades que compõem nosso **programa público** revelam artistas, tocam em questões ainda não exploradas no campo das artes e propõem formatos inovadores. Nossa prática de gestão busca criar redes entre espaços independentes do centro e da periferia que possam gerar trocas de experiência e de repertório e construir ações conjuntas. Nosso objetivo é **democratizar o circuito artístico**, ampliando a participação de **novos agentes**, sejam eles curadores, sejam gestores, sejam artistas. Fazem parte da nossa atual gestão Bruna Fernanda, Érica Burini, Thais Rivitti e Tania Rivitti.<sup>3</sup> (grifos meus)

As palavras destacadas do texto acima fortalecem a definição de espaço independente cara ao 397, prezando pelo tripé conceitual da formação, experimentação e autogestão, trazendo para seu “programa público” -- e aqui é interessante notar o uso dessas palavras, no lugar de falar somente “programação”, validando sua tônica de estar em contato com o mundo, aberto ao público -- a vontade de inserção no sistema das artes de modo a intervir nele, com debates, exposições, diferentes agentes, outros temas, etc.

Ter como objeto de pesquisa, na perspectiva de arquivo e memória, um espaço plural, vivo, com uma efervescência de ideias acontecendo a todo momento é um desafio, pois sempre tem algo novo para registrar, para documentar, uma nova categoria que não havia sido pensada, entre outras provocações.

Portanto, como forma de lidar com esse arquivo diverso, disperso e complexo, usou-se a noção de encruzilhada como epistemologia, na tentativa de evidenciar no pensamento e na organização da

---

<sup>3</sup> Ateliê397. Site oficial. Disponível em: <https://ateli397.com/> Acesso em: 23 fev. 2025.

massa documental, uma história que é repleta de agentes, de formas diferentes de fazer e de interconexões.

### Arquivo como encruzilhada

Para tentar dar conta da multiplicidade e das diversas narrativas que podem surgir ao olhar para a história do Ateliê397, partimos do arquivo pensado como encruzilhada, como um caminho repleto de possibilidades, que pode fazer surgir novas histórias. Tomamos o termo “encruzilhada” não somente como metáfora de um cruzamento, mas como o lugar das possibilidades, usando esse termo em diálogo com os pesquisadores Leda Maria Martins, Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino.

No livro *Performances do tempo espiralar*, a professora Leda Maria Martins nos diz que:

A encruzilhada é lugar radial de centramento e descentramento, interseções e desvios, texto e traduções, confluências e alterações, influências e divergências, fusões e rupturas, multiplicidade e convergência, unidade e pluralidade, origem e disseminação. Operadora de linguagens performáticas e também discursivas, a encruzilhada, como um lugar terceiro, é geratriz de produção diversificada e, portanto, de sentidos plurais.<sup>4</sup>

“Produção diversificada” e “sentidos plurais” é o que procuramos entender com a ideia de arquivo como encruzilhada, refletindo sobre os cruzamentos, intersecções entre os documentos presentes em um arquivo que permite a criação de outras histórias, atuando ativamente no vir a ser do arquivo.

O pesquisador das culturas afrobrasileiras Luiz Rufino, no livro *Pedagogia das encruzilhadas*, nos ajuda a entender a encruzilhada como um caminho de possibilidades, como alternativas infinitas que atravessam o conhecimento que se diz único, portanto, ponderar sobre os arquivos como encruzilhadas é considerar os caminhos como possibilidades e os “cruzos” como potência.

Reivindicar a encruzilhada como conceito para lermos o mundo a partir das potências de Exu, que é por excelência o espírito que a encarna e a mobiliza. **A encruzilhada-mundo emerge como horizonte para credibilizarmos as ambivalências, as imprevisibilidades, as contaminações, as dobras, atravessamentos, os não ditos, as múltiplas presenças, sabedorias e linguagens, ou seja, as possibilidades.** Afinal, a encruza é o umbigo e também a boca do mundo, é morada daquele que tudo come e nos devolve de maneira transformada.<sup>5</sup> (grifos meus)

<sup>4</sup> MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar*: Poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. p. 51

<sup>5</sup> RUFINO, Luiz. *Pedagogia das encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2019. *E-book*.

Criar narrativas ao cruzar histórias e documentos é uma das viabilidades de um arquivo minimamente organizado. Hoje em dia, com estudos avançados acerca da decolonização do saber<sup>6</sup>, a busca por uma história que não seja a dos vencedores, com a presença de diferentes subjetividades nas narrativas e outras vozes emergindo, impulsiona a construção de arquivos que reflitam esse desejo pelo conhecimento decolonial a partir do cruzamento de informações.

Nesse sentido, as lacunas inerentes aos arquivos e as perguntas em aberto podem ser elucidadas a partir dos cruzos dos saberes, com a intersecção de documentos textuais, imagens, entrevistas, entre outras mídias. Ao juntar, entrelaçar, embaralhar, é possível encontrar respostas nas brechas de um sistema de armazenamento não sistematizado. Sendo assim, pesquisar e organizar vestígios da história de um espaço independente como o Ateliê397 é entender que existem outras narrativas para além das já consolidadas pela História da Arte, além de propor ferramentas de busca e análise de uma massa documental até então dispersa e inacessível.

Tal pensamento alia-se à “pedagogia das encruzilhadas”, termo cunhado por Luiz Antônio Simas e Luiz Rufino, como uma epistemologia que borra os limites do cânone e o expande:

A pedagogia das encruzilhadas é versada como contragolpe, um projeto político/epistemológico/educativo que tem como finalidade principal desobsejar os carregos do racismo/colonialismo através da transgressão do cânone ocidental. Esse projeto compreende uma série de **ações táticas que chamamos cruzos**. São essas táticas, fundamentadas na cultura de síncope, que operam esculhambando as normatizações. **Os cruzos atravessam e demarcam zonas de fronteira. Essas zonas cruzadas, fronteiriças, são os lugares de vazio que serão preenchidos pelos corpos, sons e palavras. Desses preenchimentos, emergiram outras possibilidades de invenção da vida firmadas nos tons das diversidades de saberes, das transformações radicais e da justiça cognitiva.**<sup>7</sup>  
(grifos meus)

Colocar os documentos para conversar entre si partindo do pressuposto da potencialidade desses cruzos é a tônica da pesquisa, na intenção de propor uma metodologia e ferramenta que sirva de base para a sistematização do material sobre a história do Ateliê397.

Foram muitas as tentativas de organização da história do Ateliê397, as quais resultaram em ricas fontes de documentação para a pesquisa desenvolvida. Livros, site oficial, pastas físicas, CDs, Google Drive, entre outras formas de armazenamento da memória foram encontradas no levantamento de

<sup>6</sup> Termos utilizado a partir de levantamento bibliográfico dos pesquisadores Walter Mignolo e Luciana Ballestrin.

<sup>7</sup> SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato: A ciência encantada das macumbas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019. *E-book*.

material. De maneira dispersa e, muitas vezes, sem continuidade, devido à troca de gestão, ausência de recursos financeiros, falta de tempo, os métodos de organização iniciados se findavam neles mesmos.

Em mãos desse extenso material, iniciamos uma organização utilizando uma planilha em Excel para sistematizar todas as atividades públicas que o Ateliê397 havia realizado até então [Figura 1].

ATIVIDADES E PRODUÇÕES _ATELIÊ397					
ANO	TÍTULO	ARTISTA / CURADOR	CATEGORIA	FINANCIAMENTO	DOCUMENTAÇÃO
2017	Get2gether	Alessandro Facente	residência	proac	SITE: página com texto descritivo e currículo em português e inglês INSTAGRAM: 2 posts (foto e peça de divulgação)
2017	Clínica Geral	Isabela Rjeille, Jaime Lauriano e Raphael Escobar	formação		SITE: página com texto descritivo, programação e currículo dos participantes INSTAGRAM: 1 post (peça de divulgação)
2017	Tridimensional: objetos no mundo	Chico Togni e Renata Pedrosa	formação		SITE: página com texto descritivo, programação e currículo dos participantes INSTAGRAM: 2 posts (peça de divulgação) HD EXTERNO: 10 arquivos .JPG
2017	Aberto para visitaçao		ações		INSTAGRAM: 2 posts (foto e peça de divulgação)
2017	O Episódio São Paulo – The GAMM6 (curaticism)	Curadoria de Alessandro Facente Artistas: Renata de Bonis, Flora Leite, Maura Grimaldi, Beto Shwafaty, Daniel de Paula, Curadora convidada: Thais Rivis	exposição	proac	SITE: página com texto crítico e currículo em português e inglês INSTAGRAM: 4 posts (foto e peça de divulgação) FACEBOOK: 1 álbum com 10 fotos

**Figura 1:** Bianca de Andrade Mantovani. **Recorte de planilha em excel elaborada para levantamento inicial das atividades do Ateliê397.** 2025. Print de tela de computador.

Algumas questões eram latentes na mobilização inicial da pesquisa enquanto levantava os documentos, tais como: (i) os espaços independentes podem ser considerados como espaços museológicos?; (ii) como organizar a massa documental acumulada durante os quase 20 anos de existência do 397?; (iii) como elaborar maneiras de organização que pudessem refletir a tônica do Ateliê397?; e (iv) como dar destino de arquivo àquilo que é efêmero?

Portanto, entendendo que as possibilidades nascem dos cruzos, a ideia de um banco de dados para sistematizar a memória do Ateliê397 nos pareceu produtiva para que esses cruzamentos fossem possíveis e diversas histórias pudessem ser acessadas.

### Projeto Arquivo Ateliê397

Para empreender a tarefa de sistematizar em rede o arquivo do Ateliê397, selecionamos um recorte temporal (2017 - 2020) para fazer essa experiência inicial que pudesse servir de laboratório para esse e outros espaços independentes.

Entendendo os arquivos digitais como redes de documentos formadas por informações não hierarquizadas, mas conectadas, iniciamos uma investigação a respeito dos bancos de dados e como essa tecnologia poderia ser útil para a organização do arquivo do Ateliê397. As múltiplas narrativas passíveis de serem produzidas a partir de uma interface digital evidenciam que propostas de banco de dados podem ser eficientes para armazenarmos arquivos no século XXI, proporcionando um ambiente virtual que seja dinâmico, exploratório, com a intenção de produzir diferentes análises e cruzamentos.

Segundo a pesquisadora e curadora Priscila Arantes, “o banco de dados nos permite repensar a narrativa única e linear, já que ele pode ser visto como um dispositivo que nos oferece a possibilidade de construirmos múltiplas narrativas.”<sup>8</sup> Dessa forma, um arquivo vivo e aberto -- organizado em rede como um banco de dados -- é a proposta feita para o arquivo do Ateliê397, unindo suas premissas de experimentação, formação e autogestão, não somente nos metadados, mas também na maneira de pensar sua estrutura.

A partir de pesquisas sobre as possibilidades tecnológicas que envolvessem a concepção de uma ferramenta de fácil criação e manutenção, chegamos à plataforma Tainacan<sup>9</sup>, desenvolvida pelo Laboratório de Inteligência de Redes da Universidade de Brasília, com o apoio da Universidade Federal de Goiás, do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e do Instituto Brasileiro de Museus.

Essa ferramenta é utilizada por diferentes instituições museológicas e de ensino. Por ser um *software* livre e gratuito, a customização do repositório, com dinamismo de filtros, metadados e categorias pareceu promissora para implementar a primeira plataforma digital de arquivo para o Ateliê397.

Como resultado, criou-se o Projeto Arquivo Ateliê397 que pode ser acessado a partir do link: <https://arquivo397.shiftdot.com.br/>.

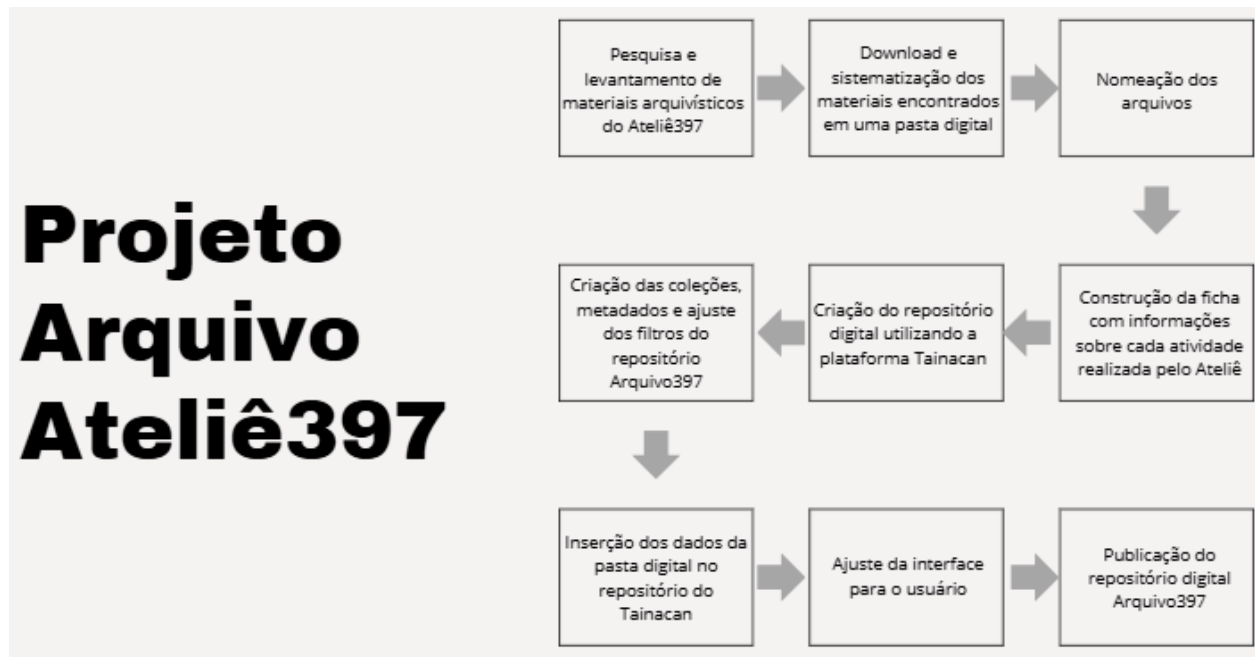
Partimos, então, para iniciar a organização, de um fluxograma [Figura 2] que delimitava as primeiras tarefas para entender a massa documental e os eventos que alimentariam o banco de dados:

Analisamos, para levantar as ações e sua documentação, o site da instituição, as redes sociais – Instagram, Facebook, Vimeo e YouTube –, o Spotify e um HD externo que armazenava uma boa quantidade de documentos do 397.

---

<sup>8</sup> ARANTES, Priscila. **Reescrituras da arte contemporânea**: História, arquivo e mídia. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 70.

<sup>9</sup> “O Tainacan é um software livre, e não tem nenhum custo de instalação ou atualização, podendo ser usado, copiado, estudado, modificado e redistribuído sem nenhuma restrição. Ou seja, você pode não só baixar e utilizar gratuitamente o Tainacan, como pode contribuir para o seu desenvolvimento e melhoria.”. Disponível em: <https://tainacan.org/> Acesso em: 23 fev. 2025.

**Figura 2:**

Bianca de Andrade Mantovani. **Fluxograma para definição das tarefas necessárias para criação do banco de dados.** 2025. Print de tela de computador.

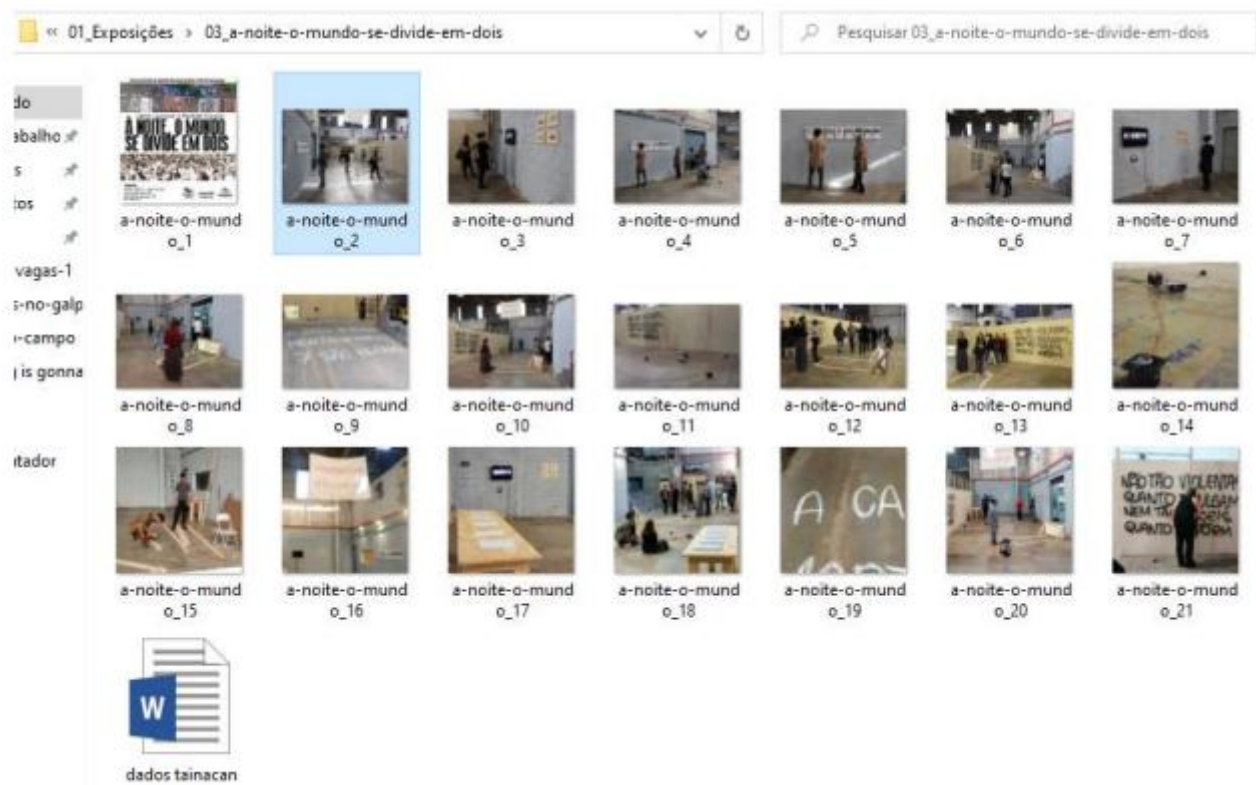
O levantamento inicial contabilizou 126 atividades diferentes, que foram agrupadas nas seguintes categorias: (i) Exposições; (ii) Formação; (iii) Residência; (iv) Textos; (v) Ações. As categorias foram organizadas em pastas no computador, para, posteriormente, servirem de base para alimentação do banco de dados [Figura 3]:

Nome	Data de modificação	Tipo
01_Exposições	21/07/2021 20:23	Pasta de arquivos
02_Formação	20/07/2021 21:06	Pasta de arquivos
03_Textos	18/07/2021 15:28	Pasta de arquivos
04_Residência	18/07/2021 16:08	Pasta de arquivos
05_Ações	27/07/2021 21:16	Pasta de arquivos

**Figura 3:**

Bianca de Andrade Mantovani. **Organização das pastas no computador.** 2025. Print de tela de computador.

Em seguida, iniciamos a coleta de informações dos itens que viriam a ser armazenados em cada categoria/pasta. Uma ficha para cada atividade foi elaborada, visando a construção dos metadados, tais como: (i) Título da ação; (ii) Curador; (iii) Artistas; (iv) Ano; (v) Sinopse; (vi) Texto curatorial; (vii) Peça de divulgação; (viii) Fotos; (ix) Vídeos; (x) Palavras-chave.



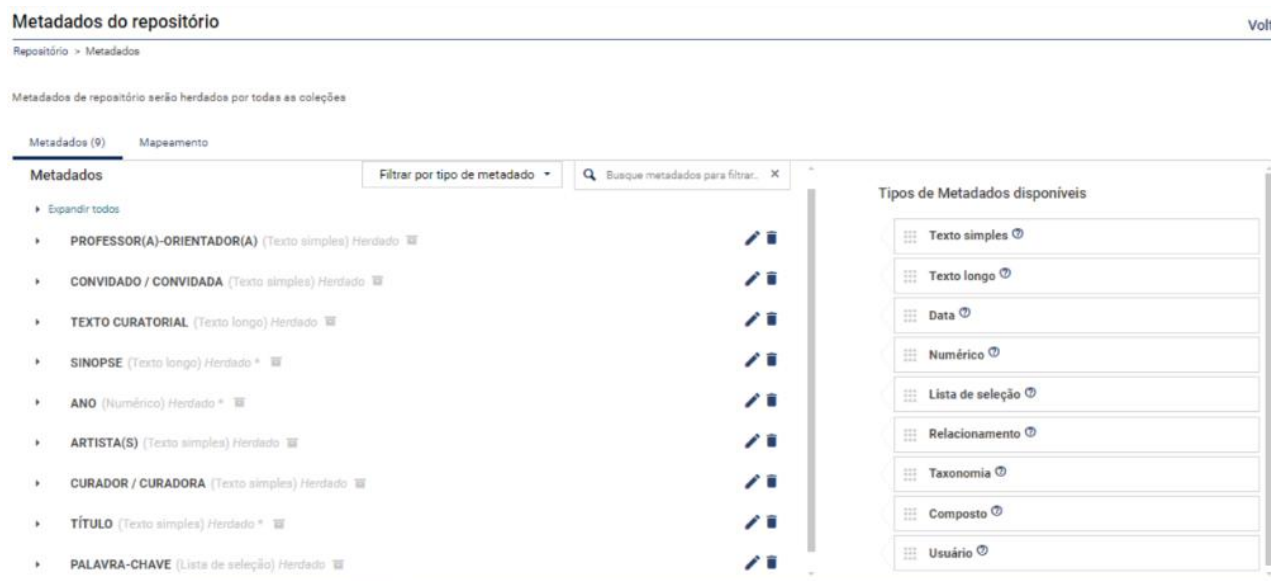
**Figura 4:** Bianca de Andrade Mantovani. **Pasta com a documentação da exposição “À noite o mundo se divide em dois”**. 2025. Print de tela de computador.

Com os documentos coletados e as fichas preenchidas [Figura 4], iniciamos a inserção dos dados no repositório digital criado utilizando o *plugin* Tainacan no WordPress. O primeiro passo foi criar as “Coleções”, utilizando o mesmo título das pastas. As coleções são responsáveis por agrupar os itens que se relacionam a elas [Figura 5]:



**Figura 5:**  
Bianca de Andrade Mantovani. **Coleções do repositório digital Projeto Arquivo Ateliê397.** 2025.  
Print de tela de computador.

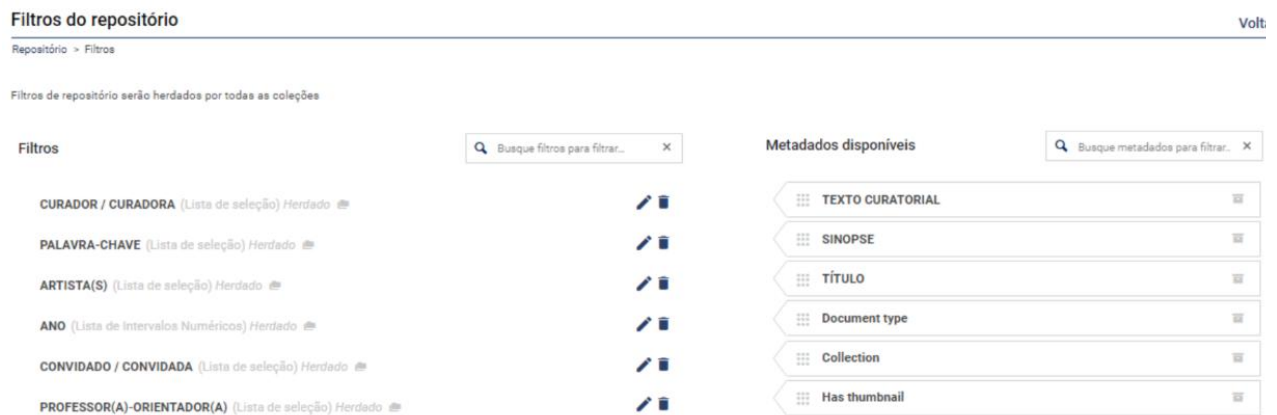
Coleções criadas, partimos para a implementação dos “Metadados”, seguindo o modelo da ficha de cada atividade. Os metadados no Tainacan são herdados por todas as Coleções, portanto, uma vez definidos os campos, eles serão aplicados a todos os itens [Figura 6]:



**Figura 6:**  
Bianca de Andrade Mantovani. **Metadados do repositório digital Projeto Arquivo Ateliê397.** 2025.  
Print de tela de computador.

Uma particularidade do Tainacan, muito interessante para nosso pensamento de arquivo-encruzilhada, é transformar os Metadados em Filtros. Então, uma vez com os metadados preenchidos, pode-se configurá-los como filtros e utilizar em buscas futuras. Em seguida, definimos os Filtros da

plataforma como uma lista de itens, para que o usuário deste arquivo possa ver uma lista de informações e consiga explorar saberes que ele ainda não conhece [Figura 7]:



**Figura 7:**  
Bianca de Andrade Mantovani. **Filtros do repositório digital Projeto Arquivo Ateliê397**. 2025. Print de tela de computador.

Com os filtros configurados como lista, o pesquisador pode fazer dois tipos de busca no repositório digital organizado: busca ativa, quando ele já sabe o que procura e busca exploratória, que, como o próprio nome diz, tem o propósito de ajudar a descobrir e fazer associações quando ainda não se sabe o que está buscando.

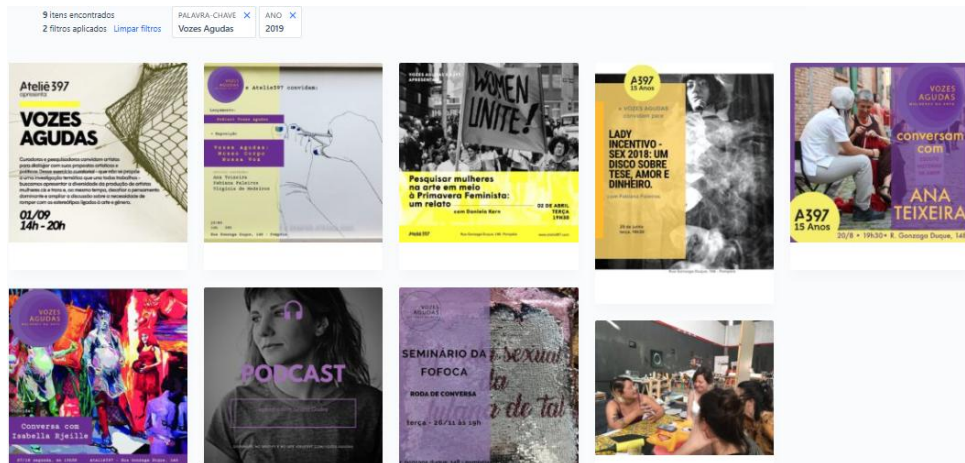
A partir dessas configurações iniciais de Coleções, Metadados e Filtros, iniciamos a inserção dos itens [Figura 8]:



**Figura 8:**  
Bianca de Andrade Mantovani. **Itens do repositório digital Projeto Arquivo Ateliê397**. 2025. Print de tela de computador.

Criamos também um metadado chamado “Palavras-chave” para possibilitar outros recortes de busca no arquivo do Ateliê397 e promover outros cruzos.

Os filtros não são excludentes e podem ser somados para fazer diferentes cruzamentos [Figura 9]:



**Figura 9:** Bianca de Andrade Mantovani. **Item com dois filtros combinados: “Vozes Agudas” e “2019” do repositório digital Projeto Arquivo Ateliê397.** 2025. Print de tela de computador.

O Projeto Arquivo Ateliê397 organizado nos remeteu à ideia de hipertexto, encabeçada pelo pesquisador em ciência da informação Pierre Levy:

Se tomarmos a palavra “texto” em seu sentido mais amplo (que não exclui nem sons nem imagens), os hiperdocumentos também podem ser chamados de hipertextos. A abordagem mais simples do hipertexto é descrevê-lo em oposição a um texto linear, como um texto estruturado em rede. O hipertexto é constituído por nós (os elementos de informação, parágrafos, páginas, imagens, sequências musicais etc.) e por links entre esses nós, referências, notas, ponteiros, “botões” indicando a passagem de um nó a outro.<sup>10</sup>

A estrutura organizada em rede, em uma encruzilhada, permite a navegação fazendo diferentes junções e percursos de análise, contribuindo para a criação de uma história outra para além do que é estático e está posto. O **Projeto Arquivo Ateliê397**, resultado de pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-graduação Interunidades em Museologia da USP, contribui, portanto para uma organização da memória do Ateliê397, para embasar pesquisas futuras e, sobretudo, para incentivar diferentes cruzamentos para criação e elucidação de outras narrativas.

<sup>10</sup> LEVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2010. p. 58.

**Se houvesse...**

E, como conclusão desse breve texto sobre arquivo e memória de espaços independentes de arte contemporânea, que compartilhou a experiência de criação de um banco de dados para o Ateliê397, recorro ao poema “Museu” escrito pela poeta mineira Ana Martins Marques.

Esse poema me acompanhou durante toda a pesquisa e continua reverberando quando me questiono sobre como armazenar o que é efêmero, como dar destino de arquivo àquilo que nos escapa, como entender as brechas da memória.

Se houvesse um museu de momentos	o dia em que te vi atravessar a rua com teu vestido mais veloz
um inventário de instantes	se houvesse um acervo de acidentes
um monumento para eventos que nunca aconteceram	um herbário de esperas
se houvesse um arquivo de agoras	um zoológico de ferozes alegrias
um catálogo de acasos que guardasse por exemplo	se houvesse um depósito de detalhes
	um álbum de fotografias nunca tiradas

Esse poema me remete à impossibilidade de arquivar, catalogar e registrar o todo, afirmando um desejo de que esse museu, esse arquivo seja composto também por outros acontecimentos e sentimentos que, às vezes, nos escapam ou parecem menores.

Com esses versos, penso no arquivo de um espaço independente, que tem a dificuldade de preservar a memória por conta das diversas faltas (dinheiro, equipamento, pessoas...), mas que mantém um desejo para que essa história seja preservada e contribua para a longevidade do espaço e com pesquisas vindouras.

## Referências bibliográficas

ARANTES, Priscila. **Reescrituras da arte contemporânea**: história, arquivo e mídia. Porto Alegre: Sulina, 2015.

**Ateliê397**. Site oficial. Disponível em: <https://ateli397.com/> Acesso em: 23 fev. 2025.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**. n. 11. maio-ago., 2013, p. 89-117.

FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010.

LORENTE, Jesús Pedro; ALMAZÁN, Davi. **Museología crítica y arte contemporáneo**. Zaragoza: Prensas Universitárias de Zaragoza, 2003, E-book.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: Poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MIGNOLO, Walter. A colonialidade de cabo a rabo: O hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciência sociais. **Perspectivas latino-americanas. Colección Sus-Sur**. CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, 2005, p. 71-103.

NUNES, Kamilla. **Espaços autônomos de arte contemporânea**. Rio de Janeiro: Editora Circuito, 2013.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019. E-book.

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato**: A ciência encantada das macumbas. Rio de Janeiro: Mórula, 2019. E-book.